



A CRISE ECONÔMICA VAI PERMANECER EM PAUTA POR MUITO TEMPO.



ENTRE OTIMISTAS E PESSIMISTAS, O CENÁRIO CONTINUA NEBULOSO E A ESCASSEZ DE RECURSOS COMEÇA A ABATER AS POUPANÇAS, AS RESERVAS E OS BOLSOS MUNDO AFORA.



O ECONOMISTA REINHARD SCHMIDT DIZ NÃO SABER QUANDO A CRISE VAI ACABAR, MAS AFIRMA: "EU DIRIA QUE DAQUI A CINCO ANOS, QUANDO O PIOR TERÁ SIDO SUPERADO, OS PAÍSES EMERGENTES SERÃO MUITO MAIS PODEROSOS DO QUE HOJE, PORQUE TÊM MAIS POTENCIAL DE CRESCIMENTO (...)



ENQUANTO A CRISE NÃO PASSA, SUA HISTÓRIA VAI DESENHANDO UM CENÁRIO DOMINADO POR 400 MIL CONTÊINERES VAZIOS E 392 CARGUEIROS ANCORADOS AGUARDANDO MERCADORIAS.



NEBULOSA A crise econômica vai permanecer em pauta por muito tempo. Todos os esforços dos governos para reduzir impostos e injetar dinheiro público nos mercados, não têm sido suficientes para aplacar a redução do consumo, as demissões em massa e a queda das receitas. Nas televisões, rádios, sites, revistas e jornais esse tem sido um tema recorrente. Mas as idéias, prognósticos, artigos, ensaios, debates e fóruns ainda não ofereceram uma pequena luz no fim do túnel. Entre otimistas e pessimistas, o cenário continua nebuloso e a escassez de recursos começa a abater as poupanças, as reservas e os bolsos mundo afora.

NOVO PARADIGMA Para o economista Reinhard H. Schmidt, professor de política financeira da Universidade Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt, o capitalismo nunca mais será o mesmo. Em entrevista ao jornal *O Globo* (1.3.2009) ele afirmou que as últimas medidas para a supervisão dos mercados, a estatização dos bancos e o combate aos paraísos fiscais, propostos na Europa e nos EUA, indicam que "o capitalismo puro, sem interferência do estado, não é mais possível". Na visão de Schmidt, a crise deve criar um novo paradigma, fortalecendo o papel dos países endividados nas negociações internacionais. Daqui para frente, ele diz, tudo indica que os emergentes poderão dizer aos desenvolvidos: "não criem regras que vocês mesmos não são capazes de cumprir".

PODER DOS EMERGENTES

Um aspecto interessante da entrevista do professor Reinhard Schmidt, é a mudança na correlação de forças entre países desenvolvidos e países emergentes. O professor Reinhard diz não saber quando a crise vai acabar, mas afirma: "eu diria que daqui a cinco anos, quando o pior terá sido superado, os países emergentes serão muito mais poderosos do que hoje, porque têm mais potencial de crescimento (...). Nessa época, China, Índia e Brasil representarão um papel ainda mais importante na economia internacional (...). Com a liberalização do comércio mundial, esses países terão mais vantagens porque têm um custo mais barato de mão de obra."

CONTÊINERES VAZIOS Enquanto a crise não passa, sua história vai desenhando um cenário dominado por contêineres vazios, cargueiros parados nos portos de todo o mundo e uma forte tendência de instabilidade política e social. Só no porto de Shenzhen, na China, 400 mil contêineres vazios se acumulam no pátio. E no mundo todo, mais de 392 cargueiros estão ancorados aguardando mercadorias. A Associação Internacional de Transporte Aéreo informa também uma retração de 23% no volume de cargas transportadas em janeiro e a Organização Mundial do Comércio (OMC) sinaliza uma retração de 3% no fluxo de bens em 2009, o pior índice dos últimos 30 anos.

FLUXOS E REFLUXOS O fluxo de investimentos também desabou. Dados das Nações Unidas apontam que os investimentos diretos no planeta caíram US\$ 400 bilhões em 2008 e a queda será maior ainda em 2009. Para as Nações Unidas "o ano de 2008 marcou o fim de um ciclo de investimentos internacionais". Dentro desta tendência, os fluxos de capitais para países emergentes também sofreram uma redução de 86%; caíram de US\$ 1 trilhão para US\$ 165 bilhões. O resultado das quedas nos fluxos de comércio e nos fluxos de investimentos acenderam a luz vermelha para um outro problema: a instabilidade política e social.

50 MILHÕES DE DESEMPREGADOS A Organização Mundial do Trabalho calcula que a queda das exportações e a recessão vão gerar 50 milhões de desempregados no mundo, em dois anos. Os países emergentes vão sentir a falta das remessas de dinheiro enviadas pelos familiares imigrantes que trabalham em países ricos. Segundo o Banco Mundial, essas remessas devem cair 5,7% em 2009. Para algumas economias como El Salvador e Guatemala, essas remessas significam mais da metade do seu Produto Interno Bruto (PIB). Nos EUA, o desemprego da população latino-americana subiu de 5% para 8,8% em 12 meses. Em Portugal, um em cada três brasileiros está sem trabalho e na Espanha, quase 40% dos estrangeiros estão sem emprego.

LESTE EUROPEU No Leste Europeu a crise ameaça governos. Expostos à derrocada do sistema financeiro e à queda dos investimentos os governos do leste enfrentam protestos sociais. A insatisfação abriu os olhos da União Européia para o fosso que se estende entre o Ocidente e o Oriente. A região sofre porque seu crescimento foi baseado em mercados abertos e injeção de capital estrangeiro. O fim da fartura no Ocidente levou ao corte de fluxo, ao desemprego e à ausência de políticas de bem-estar social. Um outro impacto da crise está sendo o fechamento de fronteiras para os trabalhadores do Leste Europeu. Alemanha e Holanda promoveram uma verdadeira moratória na distribuição de novos vistos.

CONTRADIÇÕES E CONFLITOS A crise avança provocando estragos e suscitando debates. Esta não é a primeira e também não será a última. Mas sua presença denuncia nossas contradições e acirra nossos conflitos. Diz o dito popular que depois da tempestade vem a bonança. Mas até que dias melhores se aproximem, vamos conviver com dúvidas, incertezas e preocupações. No Brasil, especialistas dizem que o movimento sindical não conseguiu reagir à crise de forma coordenada. Eles afirmam ainda que as entidades "enferrujaram" durante o ciclo de crescimento econômico e se atrelaram ao governo Lula. Entre os empresários verde e amarelo, as lições para enfrentar a crise oscilam entre investimentos em relacionamento, informação e cortes de gorduras, mas todos confiam nas suas estratégias e vislumbram algum percentual de crescimento. O tempo dirá.